


REACENDER AO ORIENTALISMO. BUSCAR UM LUGAR AO SOL**RETURN TO ORIENTALISM. FIND A PLACE IN THE SUN****Marina Garcia Ferreira** ¹
 Universidade Federal de São Paulo

 Email: marinagarciaferr@gmail.com

GONZÁLEZ ALCANTUD, José Antonio. **Qué es el orientalismo. El Oriente Imaginado en la Cultura Global**. Editorial Almuzada, 2021.

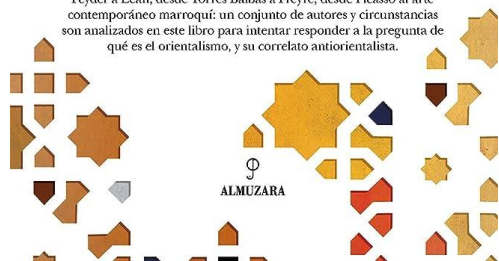
No prólogo de seu livro, José Antonio González Alcantud descreve sua trajetória pessoal e intelectual como um destino (em suas palavras, “*fatum*”) do orientalismo como tema, pois

JOSÉ ANTONIO GONZÁLEZ ALCANTUD

QUÉ ES EL ORIENTALISMO

EL ORIENTE IMAGINADO
en la CULTURA GLOBAL

Desde Voltaire a Rousseau, desde Alarcón a Gómez Carrillo, desde Feyder a Lean, desde Torres Balbás a Freyre, desde Picasso al arte contemporáneo marroquí: un conjunto de autores y circunstancias son analizados en este libro para intentar responder a la pregunta de qué es el orientalismo, y su correlato antiorientalista.



este se apresenta com frequência em sua produção acadêmica. Ainda, é possível dizer que esta obra, de nome *Qué es el orientalismo. El Oriente Imaginado en la Cultura Global*, publicado em 2021 pela Editorial Almuzara, é também a sua própria inserção em tendências contemporâneas mundiais nas Ciências Humanas. Com um tema obrigatoriamente global como o Orientalismo, também conectado, e certamente reconhecido pelo campo da perspectiva pós-colonial ou decolonial. Emergências acadêmicas dos últimos oitenta anos. Porém, o que faz então a obra de González Alcantud diferente? Ou, como se insere dentro dessas categorias em evidência contemporânea que privilegiam o chamado espaço “global”, tal como sugere seu subtítulo?

González Alcantud tem longa experiência com os temas relativos ao Orientalismo, ao Islã, ao conceito de exotismo, al-Andalus e a região do Magrebe pós expansão muçulmana. Nascido na cidade de Granada, na Espanha, não coincidentemente, o autor

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Integrante do grupo de estudos Laboratório de Estudos Orientais e Asiáticos (LEOA) e Yahiliyya.

demonstra com veemência a urgência na inserção da história da região onde é nativo no aspecto amplo dos estudos deste tema. Mesmo com subtítulo sobre o imaginário do Oriente na cultura global, a Espanha ganha espaço confortável na escolha de seus exemplos e reflexões; o que, ao mesmo tempo, não deixa a desejar na sua escolha ampla de situações, lugares e objetos de análise: arquitetura, música, literatura, discussões intelectuais, pinturas. O livro é extenso, são ao todo 493 páginas sem que haja na editoração, nas páginas finais as “Referências Bibliográficas”. A escolha é provável da Editorial Almuzara e de sua linha de publicação de temas generalistas, de público não apenas acadêmico. Porém, claro, suas referências não estão ausentes e são documentadas ao longo de seus capítulos em 1100 notas de rodapé.

O livro parte de uma pergunta básica e uma provocação didática, “O que é o Orientalismo?”, mas na escolha da configuração de seu trabalho, a pergunta é mal respondida, e somos guiados ao longo de dezoito capítulos sem de fato sabermos, afinal, o que é que González Alcantud considera Orientalismo. Seria o orientalismo de Edward Said? Seria de Maxime Rodinson? Dos “críticos de Said”, como Robert Irwin? Ou seria uma definição própria? A palavra é polissêmica, e pode indicar diversos caminhos, mas ao ler o trabalho de González Alcantud estes caminhos são obscuros. É apenas no Epílogo, na conformação final de tudo o que o leitor experimentou, que o autor descobre o motivo pelo qual iniciou a jornada de sua leitura:

De la misma manera queremos concluir este libro sobre la pregunta qué es el orientalismo. No tiene una respuesta categorialmente cerrada, como a muchos ideólogos les gustaría. Es una demanda antropológica que concierne a un conjunto de disciplinas reflexivas o prácticas intuitivas que llega hasta hoy mismo, y que cuestiona el estatuto y lugar desde el que hablamos y la máscara de identidad que adoptamos para resolver ecuaciones complejas.²

Ao que indica, o orientalismo para González Alcantud é a *disciplina* que fala sobre o Outro, mas é também uma autorreflexão sobre sua própria identidade. Assim, o argumento fundamental de González Alcantud é que as categorias como “Oriente”, “Ocidente”, e seus desdobramentos – correntes do “orientalismo”, “antiorientalismo” ou “ocidentalismo” –, não tem sentido em sua aplicação, já que partem de noções ficcionais imaginativas discutíveis.³ Nesta chave, afirma, “el enemigo que hay que banir no era el orientalismo sino el exotismo.”⁴ Utilizando da tese de Marc Augé, reflete sobre a possibilidade do “orientalismo” e “ocidentalismo” serem parte da “guerra dos sonhos” na qual a Humanidade estaria imersa, no movimento de ficcionalização do mundo e criação

² GONZÁLEZ ALCANTUD, José Antonio, 2021, p. 483

³ Idem, p. 490.

⁴ Idem, p. 29.

de ameaças que são ficcionalizações sobre o imaginário, onde se encontram sensações não facilmente identificáveis⁵.

A esta postura, González Alcantud se mostra um intelectual bastante crítico ao trabalho de Edward Said, em especial a obra *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, publicada originalmente em 1978; e sua “continuação”, *Cultura e Imperialismo*, publicada em 1993. Crítico literário de formação, Said estruturava seus estudos principalmente na análise do discurso, em especial o de Michael de Foucault em seus estudos sobre os mecanismos de dominação. Para González Alcantud, no entanto, Said, ao utilizar desta noção e campo, criou o que chamou de “maniqueísmo renovado”, pois excluiria as populações nativas em seus movimentos influentes ou colaborativos. Aliás, seu primeiro livro (*Orientalismo*, de Said) para González Alcantud é um fenômeno midiático, e o conceito que desenvolveu sobre a alcunha “orientalismo” era tão “pegajoso” que Said não poderia se desvencilhar após o sucesso de sua tese. Um dos pontos que apresenta sobre o intelectual palestino, por meio de Robert Irwin, e que dialoga com todas as proposições de seus capítulos, é a ausência ou falta de zelo de Said para com as “condiciones específicas de la formación de los orientalismos periféricos”⁶, ao que exemplifica com o caso italiano, alemão e *espanhol*.

Este incômodo por parte do autor retorna ao narrar, no penúltimo capítulo, a experiência de seu contemporâneo, Francisco Marquéz Villanueva, crítico literário espanhol, docente em Harvard entre os anos 1970 até 1990, que lhe contou, em dado momento, ter conhecido o intelectual palestino nesta universidade. Afirma então ter Marquéz Villanueva oferecido seus artigos, grande parte em espanhol, para Said, “sobre a Espanha das três culturas”, tema que trabalhara, mas pelo qual Said não expressou interesse. O que de certa maneira sugere um abalo de inaceitabilidade na ausência de interesse de Said sobre temas tão caros para González Alcantud e talvez em seu entendimento de uma centralidade para o orientalismo. Essa postura defensiva ao seu campo de estudo dialoga como um todo em sua obra e em sua tentativa de colocar num “lugar ao sol” a experiência Andaluza no “orientalismo”: “Said no dirá una solo palabra sobre al-Ándalus en su célebre libro sobre el orientalismo, y sin embargo este volumen será de obligada referencia cada vez que se hable o escriba sobre algo concerniente al mundo islámico histórico o presente.”⁷

O presente livro, contudo, é uma contribuição para ampliação de temas relativos as diversas possibilidades de objetos de estudos referentes ao orientalismo. No que concerne

⁵ AUGÉ, Marc. *A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção*. Campinas, Papirus, 1998, p. 14.

⁶ Op. Cit. GONZÁLEZ ALCANTUD, 2021, p. 23.

⁷ Idem, p. 477.

aos capítulos da obra ou a repartição de seus assuntos, são seis as partes propostas por seu autor: “Fanatismo, despotismo, decadência”; “Mistério, tempo e espaço do Oriente”; “O discurso literário e música orientalista”; “Erotismo, perspectivismo, pintoresquismo nas artes visuais orientalistas”; “Orientalismos construtivos”; e “Maneiras de pro-orientalismos e antiorientalismo”. Essas divisões, como seus títulos sugerem, são temáticas e conceitos nos quais González Alcantud desdobra em casos diversos, mesmo que nem sempre as relações comparativas sejam sempre óbvias. Cabe ressaltar como os exemplos também privilegiam especialmente os casos e indivíduos ibéricos, francos, turcos ou do Norte da África, com poucos diálogos com as experiências anglo-saxônicas ou a leste do Oriente, como na península arábica, na Ásia central ou meridional. Pode-se dizer simplesmente que tratou-se de uma escolha da experiência mais emergente para com o pesquisador e seu amplo horizonte, tal como seu contemporâneo.

Alcantud como antropólogo, e não historiador, tem para consigo conceitos de forma mais caras que os contextos e processos de transformações temporais. A primeira parte de sua obra faz um movimento de análise de Isaac Rousseau (XVII-XVIII) para Voltaire (XVIII), e de Edward Gibbon (XVIII) para Carl Jung (XX) por intermédio das noções de fanatismo, despotismo e decadência, sugeridas no título. González Alcantud concorda com Said e Rodinson ao explicitar que, quando o orientalismo trata do Outro, está normalmente contrastando a si próprio. Porém o que torna a questão sensível, haja vista o movimento de suas colocações, se dá pela noção reduzida do orientalismo constantemente como uma grande “curiosidade”, como por exemplo, ao tratar da tradução de Voltaire na Espanha do século XVIII, autor conhecidamente anticlerical em um país fervorosamente católico, simplesmente pela curiosidade para com o Oriente referido em suas obras. Mesmo se a ideia de “dominação” for minimizada, já que sua postura é a de contra movimento aos “discursos dicotômicos”⁸, ainda assim, é reduzido pensar que um livro só é lido por pura e genuína curiosidade. Da mesma forma, González Alcantud se convence facilmente com a *African Association*, baseando-se em Sanche de Gramont⁹, de que suas expedições no início do século XIX são movimentos que se justificavam por si mesmos, pela experiência e curiosidade de seus indivíduos: “Esta suerte de curiosidade, acompañada en ocasiones por el deseo de gloria, se bastaba a sí misma para explicar la sed de aventura que movía a los viajeros, tanto românticos como ilustrados”¹⁰, sem que houvesse qualquer outra circunstância ou motivação para essas expedições anos antes da colonização na África além do romântico. Para o século XIX da segunda metade, a

⁸ Idem, p. 490.

⁹ GRAMONT, Sanche de. *El dios indómito: La historia del río Níger*. Editorial Turner, 2003, pp. 25-35.

¹⁰ Op. Cit. GONZÁLEZ ALCANTUD, 2021, p. 75.

“*nouvelle histoire impériale*”, como expuseram Emmanuel Fureix e François Jarrige¹¹, já indica os questionamentos que são levados a cabo pela aproximação da formação dos imaginários europeus, em especial a mística da aventura com as experiências coloniais asiáticas e africanas. Não seria muito longe pensar o início dessas formações no século XVIII questionando também seus objetivos como ações políticas e construção do estereótipo do aventureiro que caminha por amplos espaços permeados de vazios no esforço por seu mapeamento geográfico.

Já nas páginas finais de seu livro o autor define sua leitura do orientalismo como um “desejo polimórfico”. Em seu argumento, retoma como o discurso colonial é baseado na submissão e inferiorização do outro, mas que para a superação cabe tanto a postura combativa do colonizado, quanto a liberação psíquica e enfrentamento do sofrimento e melancolia do colonizador, aquele que “*transladaron su sufrimiento vital a las colonias buscando consuelo con el restablecimiento de una jerarquía perdida en las metópolis*”¹². González Alcantud dialoga e põem em crítica também a proposta das “epistemologias do sul”, de Boaventura de Sousa Santos, ou “estudos decoloniais”, em especial de Walter Mignolo sobre a distribuição global do trabalho científico em uma classificação tripartida, na qual o Primeiro Mundo foi posto numa posição de produtor de saber de sua própria cultura e dos outros, enquanto o Terceiro foi confinado a produtor de cultura¹³. Para González Alcantud, no entanto, o decolonial não só não alcança o problema relativo em relação ao colonizador em suas críticas, como também minimiza a palavra aos pensamentos locais, que sofreram o problema epistêmico, assim, desestabilizam seu próprio discurso relativos às divisões do pensamento científico.

É necessário, afirma, desvelar a divisão internacional do conhecimento operativa desde o imperialismo; ser desconstrutivo e desmistificador do poder a partir da noção de “modernidade crítica”, e, neste trajeto, entrando em contato com as fontes “autóctonas del discurso anticolonial”, “figuras como Américo Castro o Gilberto Freyre se presentan dentro de todas sus contracciones, como de gran alcance para trazar los caminos de la descolonidad en términos ibéricos y americanos, tan grandemente entrelazados”¹⁴, diz.

Ao citar Gilberto Freyre como uma possibilidade de tratamento de uma postura de descolonialidade para a construção da “modernidade crítica”, González Alcantud demonstra, em princípio, pouco conhecimento da realidade brasileira, bem como das críticas feitas da leitura romantizada que Freyre fez sobre os problemas do país causados

¹¹ FUREIX, Emmanuel ; JARRIGE, François. *La modernité désenchantée. Relire l'histoire du XIXe siècle français*. Éditions la découverte, 2015. p. 263.

¹² Op. Cit. GONZÁLEZ ALCANTUD, 2021, p. 490.

¹³ ver MIGNOLO, Walter, “La opción decolonial”. In: Letral, Universidad de Granada, n. 1, 2008, pp. 16-17.

¹⁴ Op. Cit. GONZÁLEZ ALCANTUD, 2021, p. 493.

pela colonização portuguesa. Em especial, naquilo que críticos do pensador chamaram do “mito da democracia racial”, narrativa de Freyre sobre a construção de um país que não era uma Europa dos Trópicos, mas um projeto conjunto de brancos, índios e pretos, na ausência das violências, etnocídios e desigualdades que assolam o país até a atualidade.

Ao querer encerrar e superar os problemas do orientalismo, ou melhor, “do exotismo”, por este “debate libertador”, González Alcantud se permite redirecionar a discussão a partir de um lugar confortável e pouco consciente das dinâmicas e resultados realísticos dos problemas de países colonizados. Se Said “quiere convencer a los ‘orientales’ [...] de la necesidad de prolongar la batalla de la descolonización”¹⁵, e se seu livro continua ainda a ser um fenômeno midiático, é possível dizer que o que o autor denuncia tem seu empirismo, e que ser o “ideólogo”, em seus termos, faz parte também da postura intelectual, já que ele (o intelectual) não se encontra suspenso ao presente, às suas ideias, identificações e aos valores de sua época. Disse Said nas Conferências Reith de 1993, atualmente no livro “Representações do Intelectual”, “Meu argumento é que os intelectuais são indivíduos com vocação para a arte de representar, [...] E essa vocação é importante na medida em que é reconhecível publicamente e envolve, ao mesmo tempo, compromisso e risco, ousadia e vulnerabilidade.”¹⁶.

A obra “Qué es el Orientalismo” de González Alcantud é leitura que retoma o tema, que põem em pauta sua multiplicidade de tópicos e objetos, e que de fato, insere o passado e as dinâmicas da Espanha no nível global, sendo o país e a realidade Andaluza tema significativo na análise das relações entre Oriente e Ocidente, e assunto no qual Said pouco tratou em sua produção intelectual. Seu livro tem o valor inegável de retomar mais uma vez o debate, de apresentar novas interpretações e pensar mais uma vez sobre a noção do Orientalismo como reflexão de si próprio pela análise do outro, bem como suas formas diversas. É leitura que de fato complementa o entendimento e abrange o assunto, em especial relativo aos conceitos pelos quais o autor faz reflexão. Porém, cabe a consciência que o global de González Alcantud é aquele que retorna ao local, daquele que escreve e também suas proximidades imediatas. É igualmente um esforço de colocar o foco de seus estudos e de seu local original no holofote da academia global, esforços de buscar um lugar ao sol, daquele que todos estão, em parte, em busca.

Recebido em 30 de janeiro de 2023
Aceito em 29 de abril de 2022

¹⁵ Idem, p. 480.

¹⁶ SAID, Edward. *Representações do Intelectual: As Conferências Reith de 1993*. Cia das Letras, 2005, p. 27.